

Ordem dos Pregadores:

A propósito de um centenário dominicano

*José Nunes OP**

A Ordem dos Pregadores, mais conhecida por Ordem dos Frades Dominicanos, foi fundada por São Domingos de Gusmão e aprovada pelo Papa Honório III em 1216. Antes, porém, já São Domingos fizera o conhecimento e a experiência da pregação entre as seitas heréticas na zona de Toulouse, tendo até fundado um primeiro Mosteiro de Monjas em Prouille, em 1206 – motivo pelo qual se celebra agora o VIII centenário das Monjas Dominicanas.

Trata-se de uma Ordem ‘apostólica’, no sentido de ter como Regra de vida a Regra de Santo Agostinho, a qual se baseia nas características da vida comunitária dos apóstolos, tal como nos é possível encontrar nos textos do Novo Testamento. Nesse sentido, é também uma Ordem ‘mista’, isto é, de contemplação/oração/estudo mas também de acção/evangelização.

Os dominicanos, tal como os franciscanos, são mendicantes, e constituíram, nos inícios do século XIII, uma forma inovadora de viver os conselhos evangélicos. Criaram, afinal, uma nova modalidade de vida religiosa, mais de acordo com as necessidades do seu tempo e com a cultura emergente na Europa de então. Assim, relativamente às Ordens monásticas, baseadas na Regra de São Bento, vão preferir as cidades ao meio rural, vão optar por uma vida de maior responsabilidade comunitária face à total dependência do abade, vão participar da vida intelectual e universitária – como reflexão da fé cristã

* Superior Provincial dos Dominicanos em Portugal.

– face à exclusiva vida litúrgica e de oração, vão optar por um estilo de vida mais evangélico, simples e austero (reivindicado também pelas seitas cátaras que despontavam) face a alguma instalação e poderio patenteado pelo clero.

Como o próprio nome indica – e por opção expressa de S. Domingos, o fundador – os dominicanos nasceram e existem para a ‘pregação’, que é um sinónimo dos actualmente mais usados vocábulos de ‘missão’ ou ‘evangelização’. Essa pregação, esse anúncio de Jesus e do seu Evangelho, apresenta claramente algumas características:

– Deverá ser sempre feita pela palavra dialogal e pelo testemunho de vida, nunca pela força. Foi assim que S. Domingos procurou converter os hereges, foi por isso que recusou participar em cruzadas, é por isso que nada teve a ver com a inquisição (nascida mais de uma dúzia de anos depois da sua morte);

– Deverá estender-se a todo o mundo necessitado dessa evangelização, já sejam aqueles que se afastaram da verdadeira doutrina cristã (prefigurados pelos albigenses do sul de França), já sejam aqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo (simbolizados pelos ‘cumanos’ a quem S. Domingos nunca deixou de sonhar em fazer missão);

– Deverá constituir palavra de verdade e apresentada com autoridade, razão pela qual deve ser uma pregação muito meditada na oração e, sobretudo, muito alimentada e fundada no estudo da teologia – o que levou S. Domingos, logo no início da Ordem, a enviar os seus jovens frades para as universidades, onde não só aprendiam como rapidamente passaram a ensinar.

A Ordem tem hoje, espalhados pelo mundo, cerca de 6 mil irmãos, a maior parte deles padres, já que se trata de uma Ordem ‘clerical’. Ao longo da história, já quase oito séculos, sempre fez a pregação sonhada pelo seu fundador: muito ligada ao estudo (por isso também fomentadora de cultura), destinada a todos (países de ‘velhas cristandades’ e também ‘terras de missão’). A partir de orientações recentes

dos últimos Capítulos Gerais, que se realizam de três em três anos, tem hoje algumas prioridades apostólicas bem definidas, que devem ser entendidas justamente como modos concretos de exercer a tarefa da pregação: a catequese num mundo descristianizado, a evangelização no contexto das diversas culturas, a justiça e a paz, a pregação através dos meios de comunicação social. Além disso, esta mesma pregação parte claramente do pressuposto de que se situa nas 'fronteiras': a fronteira entre a vida e a morte – e é o grande desafio da justiça e da paz no mundo; a fronteira entre a humanidade e a desumanidade – ou o problema dos marginalizados; a fronteira cristã – que pede um diálogo com as grandes tradições religiosas da humanidade; a fronteira da experiência religiosa – com o desafio lançado pelas ideologias seculares; a fronteira eclesial – que nos coloca diante das confissões cristãs não católicas e outros movimentos religiosos.